

O DUPLO RISCO EM INÊS DE ARAUJO

Natália Quinderé

À mesa, rastros

A mesa esteve fartamente posta em "Nem Consolo, Nem Remorso".¹ O ex-posto dava pinta de um delicioso banquete, com quilômetros de comprimento. Ninguém sentaço. Todos caminhavam em volta, ao redor daquela mesa. Os inúmeros cadernos de desenho de Inês de Araujo dispostos e abertos, ali, eram vestígios de uma operação engendrada pela artista sistematicamente desde 2013. Nada que a relacione com a mesa de comida japonesa barthesiana, preparada de maneira a deslocar nosso olhar para uma pintura secular holandesa e seu verniz colorido.² Nada que a relacione, também, com a operação surrealista revelada no encontro fortuito entre uma máquina de costura e um guarda-chuva, em uma mesa de dissecação. A mesa de Inês nos expunha outra economia da repetição, do contingente, do corte.

O mesmo caderno de capa dura preta aberto. O desenho ocupa sempre o lado direito da página. O lado esquerdo, contraposto, está vazio. O preto, o grafite, a sanguineá como cores possíveis. Um caderno depois de outro depois de outro,

1 "Nem Consolo, Nem Remorso", exposição individual de Inês de Araujo, com curadoria de Marcelo Campos, na Paço Imperial (Rio de Janeiro/20), entre 11 de abril e 17 de julho de 2019.

2 Barthes, Roland. *O prazer dos textos*. p. 36. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

Um desenho depois de outro depois de outro. O tempo de ver cada desenho misturado ao tempo de contornar a mesa da sala de exposição. A largura da mesa mensurada pela altura de dois cadernos dispostos paralelamente: um caderno aberto para um lado, outro aberto para o outro. O comprimento da mesa quadruplica-se, quando medido pelo tempo necessário para ver cada desenho. É o presente da obra. Se demorar, os desenhos nos exigem. Inês, em seu exercício de restrição autoimposta – do uso do suporte, da escolha comedida das cores e da eleição de um lugar de inscrição do desenho no suporte –, exercita o esgotamento do gesto originário do artista. Nos pergunta com franqueza e voz baixa: o que é original?

Cobras, lagartos e o traço

O olho procura reconhecer, no conjunto de desenhos expostos, uma forma, uma imagem. Olha, um coração! Um bicho estranho! Que bicho é esse? Cobras entrelaçadas! Ali, onde o olho persevera em busca da semelhança, a reunião dos desenhos desloca seus significantes e nos incita a esvaziar o sentido das formas: a ver de novo e de novo e novamente. O exercício de esvaziamento do sentido seria o que Barthes chamou de traço, em *O império dos signos*. Ele, o traço, demanda um suporte: rosto, mesa, praça, tela, máquina de brinqueado, folha de papel. Esse exercício de esvaziamento que é resistência à representação se expõe, no trabalho de Inês, na ambiguidade do gesto da artista sobre a folha de papel. Desejo de continuar uma mesma operação ao infinito. Vontade destruidora de esgotar essa mesma

operação. São duas faces da operação proposta por Inês por meio da série de cadernos.

Fósforo

Se alguns saltaram no vazio para tentar responder o que poderia ser a prática artística, Inês se joga no risco, literalmente. Os traços na página do caderno, por vezes, nos convidam a segui-los com o olhar. Do movimento contínuo irrompe um corte. As linhas desabam a olhos vistos. Contingente. Limites tracejados pelo gesto da artista. Contingente. Riscar um fósforo, sabemos, traduz-se na fricção de uma determinada superfície para acender um palito. O contato contínuo das cabeças dos palitos com a superfície lateral da caixa de fósforos deixa marcas. É a memória daqueles que já foram acesos. Os desenhos de Inês são lampejos. Clarões que emergem, em cada página branca da série de cadernos, um lugar de inscrição próprio.

Alguns desenhos reproduzem o instantâneo. Exigem demora do nosso olhar, mas imprimem na folha, paradoxalmente, a velocidade e a violência de raios. São riscos friccionados, os pequenos golpes da artista investidos nas páginas brancas do caderno. Muitas vezes, a força do golpe marca a página branca por vir. O desenho seguinte se completa por meio dessas depressões (memória do tracejado anterior) que não se deixam riscar. Desenho como gravura. O instrumento do risco usado como navalha que rasga, corta, deixa marcas, unindo a série. Desenho inscrito.

Arquivo

"Nada é menos garantido, nada é menos claro hoje em dia que a palavra arquivo."³

Uma estante de ferro, no ateliê de Inês, guarda seus inúmeros cadernos de desenho. Eles estão empilhados. Inês os ordena por ano e número sequencial – Ex.: 19.1, 19.2, 19.3, etc. Observar essa pilha é tornar visível o que não se mostra na exposição pública da obra: os cadernos, os inúmeros cadernos fechados. Se a prática de desenho de Inês é acompanhada por um exercício de restrição, o acúmulo dos cadernos, em contraposição, expõe a carga de trabalho da artista no intuito de materializar uma economia do risco. A estante abarrotada de cadernos pretos numerados também é obra. Obra que expõe a noção de fragmento em cada um de seus desenhos, mas ainda, por meio do conjunto amontoados de cadernos, nos resume a impossibilidade de completude presente em seu trabalho. A série não tem fim.

Aquela estante nos denuncia uma prática arquivística no cerne do trabalho de desenho de Inês de Araujo. É preciso, aqui, não a confundir com a resaca arquivística que tomou conta das análises de trabalhos artísticos em meados da década de 1990 e início dos anos 2000. O trabalho de Inês produz uma dobra no sentido de arquivo. Não seria um projeto mnemônico com intuito de arrancar dos escombros uma história dos vencidos, muito menos uma necessidade de gravar,

organizar, selecionar práticas artísticas arreadas aos métodos tradicionais da arte, como a performance. O trabalho de Inês se insere numa prática arquivística porque, do risco na página em branco à sua coleção de cadernos, forja um lugar de inscrição para o desenho.

Esse lugar de inscrição encontra semelhanças na noção de arquivo definida por Derrida, ainda em 1995. Há tanto um projeto mnemônico do gesto da artista como uma tentativa de destruição desse mesmo gesto, engendrada pelo exercício da série e da repetição. As duas faces do gesto na prática de Inês são deslocadas para o sentido do risco em seus desenhos. Da ambiguidade, transparece o furor e desejo do seu traço, multiplicado em cada página, em cada um dos cadernos de seu arquivo.

3 Derrida, Jacques. *Arquitexto: uma impressão freudiana*, p. 117. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.